

Usos da percepção na psicanálise contemporânea

Nelson Coelho Junior

Por seu forte vínculo com a consciência,
a percepção acabou merecendo um lugar secundário nas teorizações psicanalíticas.
Qual sua importância clínica e teórica?

O objetivo deste trabalho é apresentar, através da obra de psicanalistas contemporâneos, a crescente presença do estudo e do uso de processos perceptivos tanto no trabalho clínico como nas discussões de ordem metapsicológica. Deslocando-se consideravelmente da ênfase freudiana no binômio consciência/percepção, vários analistas contemporâneos procuram reinstalar, em suas teorizações, a elaboração psicanalítica sobre a realidade e sobre as relações concretas entre psiquismo e realidade, a partir de uma ampliação de suas concepções sobre a percepção. Em alguns autores a percepção é muitas vezes vinculada a descrições clínicas, sendo

fenômeno que pode emergir tanto do analista como do analisando, tanto de forma consciente como de forma inconsciente. Assim, pode-se verificar que, cada vez mais, torna-se conceituável a possibilidade de uma percepção inconsciente.

Nelson Coelho Junior é psicanalista, doutor em psicologia clínica (PUC-SP) e professor dos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. É autor do livro *A Força da Realidade na Clínica Freudiana*, Editora Escuta, 1995. Este texto foi apresentado originalmente no XXVII Congresso Interamericano de Psicologia em junho de 1999, em Caracas, Venezuela, na Sessão Temática *Psicoanálisis 2*. A participação neste Congresso foi possível graças ao auxílio concedido pela FAPESP. Agradeço a leitura da primeira versão do texto e as sugestões de Luis Claudio Figueiredo e Patricia Getlinger.

Em outros textos da psicanálise contemporânea, a percepção é concebida como sendo o espaço intermediário entre realidade externa e realidade psíquica, peça central, portanto, na compreensão das relações do sujeito com o mundo e com os outros. Por fim, o trabalho procura discutir a representação e a irrepresentabilidade dos processos perceptivos.

Introdução

A percepção é, de forma geral, simultaneamente a forma de se denominar uma função, o nome do ato que exerce esta função e o resultado deste ato. Perceber é, ainda, adquirir conhecimentos através dos sentidos, é um ato que na filosofia sempre esteve associado, ao menos até os trabalhos de Merleau-Ponty, à concepção de um sujeito que capta ativamente um objeto externo. Já na noção latina *percipere* encontramos este sentido, que enfatiza a posição ativa do sujeito perante um mundo inerte que está lá para ser “apreendido”, “recolhido”, “captado”.

Mas e se - e esta é uma de minhas hipóteses centrais - a percepção ocupar justamente o espaço intermediário, o lugar da ambigüidade entre o virtual e o atual, entre o subjetivo e o objetivo, entre o psiquismo e a realidade externa? E se a percepção não puder ser purificada de seus aspectos introjetivos e projetivos? O que esperar então, de fato, da percepção? O que esperar de autores e teorias, na psicanálise, que procuram recolocar a percepção em um lugar central em nossa compreensão dos processos de constituição da subjetividade?

Mais de cinquenta anos após a publicação do livro *Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty, filósofos e psicanalistas retornam ao tema em busca de novas vias de investigação (isto sem mencionar, é

evidente, os ininterruptos avanços em pesquisas sobre percepção nas neurociências, nas ciências cognitivas e nos recentes estudos que procuram ampliar as possibilidades sensoriais dos seres humanos através dos recursos do sofisticado mundo da informática).

necem um panorama mínimo que permite contextualizar a pesquisa que proponho neste artigo.

No *avant-propos* do número da *Revue Française de Psychanalyse*, dedicado ao tema da percepção, os editores iniciam seu argumento com a seguinte afirmação: “Ao inconsci-

A percepção
pode ocupar o espaço intermediário
entre o virtual e o atual,
o lugar da ambigüidade entre o subjetivo e o
objetivo, entre o psiquismo e a realidade
externa.

Na psicanálise este retorno pode ser constatado nas investigações dos psicanalistas franceses, reunidas nos números da *Revue Française de Psychanalyse* (1-1992) e (2-1995) dedicados respectivamente aos temas “Irrepresentável ou irrepresentado?” e “Percepção” e reconhecível também nos livros de Nicolaïdes, Bernat e Janin.¹ Entre os autores de língua inglesa, é nos trabalhos de Bollas (1992 e 1993), Ogden (1996) e Steiner (1997), que serão comentados mais a frente, que é possível reconhecer novas contribuições destacadas ao tema. Vale ainda mencionar a interessante investigação do psicanalista argentino Mazzuca², que a partir de um enfoque lacaniano reexamina o valor clínico dos fenômenos perceptivos. Estas referências iniciais, longe de serem exaustivas, for-

ente Freud opõe o sistema percepção-consciência, oposição pertinente de dois pólos, um se definindo em relação ao outro. No entanto, a psicanálise deixou a maior parte do tempo fora de seu campo de reflexão tanto a consciência como a percepção.”³ Ainda no *avant-propos*, um pouco adiante, eles se perguntam: “A noção de realidade em psicanálise pode ter outro sentido, a não ser o metafísico, se nós evitamos a construção de uma teoria da percepção?” E aqui surge com clareza uma das principais facetas da urgência de um estudo aprofundado da percepção para a psicanálise: reinstalar a elaboração psicanalítica sobre a realidade, sobre as relações concretas entre psiquismo e realidade. Se recorri a citações como essas acima, é porque entendo que apresentam com grande clareza o

estado da questão e algumas das implicações presentes no longo silêncio dos psicanalistas com relação ao tema da percepção⁴. Há que se fazer justiça aos analistas franceses pós-lacanianos, que principalmente a partir da crítica de André Green ao pensamento laciano e sua exclusão da temática do afeto, têm se esforçado em pensar as questões clínicas e teóricas da psicanálise fora da tirania da linguagem. Cabe ao chamado grupo de analistas pós-freudianos denominados de *analistas marginais* por Bercherie (1988), aproveitando um batismo feito por Balint, a preocupação com esta

com a mãe na constituição do psiquismo do bebê, assim como a obra de Lacan e sua decisiva afirmação da necessidade do outro para a existência psíquica do sujeito, contribuíram claramente para que o interesse dos psicanalistas não se restringisse à realidade psíquica.

A percepção está vinculada, clínica e teoricamente, ao tema da alucinação. As descrições psicanalíticas apresentam tanto situações em que “percebe-se” algo que não está presente na assim chamada realidade externa e portanto a percepção se dá sem que tenha havido estímulo aos órgãos dos sentidos, como si-

uma experiência ambígua, onde o que é percebido precisa ser simultaneamente reconhecido e negado. Há também a situação extrema, bastante bem demonstrada em vários estudos psicanalíticos⁵, em que a possibilidade de reconhecer a realidade fica anulada, quando o aparelho perceptivo é fortemente atacado. Encontra-se aqui o extremo da tendência, em algum grau sempre presente, seja da recusa, seja da negação da percepção dos aspectos mais conflitantes da vida.

Outra forma em que habitualmente a percepção aparece nos textos psicanalíticos contemporâneos, é através da concepção de que certas experiências afetivas, de grande intensidade, vividas na infância não são passíveis de representação; aparece assim também associada ao relato clínico de casos com pacientes considerados mais graves, em que estas experiências infantis não puderam encontrar lugar na trama de representações do psiquismo, figurando portanto como um “corpo estranho”. Aparece também vinculada a descrições clínicas onde a percepção pode emergir tanto do paciente como do analista, tanto de forma consciente como de forma inconsciente, como algo inicialmente não mediado por representações.

Quanto à questão da representação e do irrepresentável, trata-se de ampliar e verificar os limites ou as fronteiras do analisável. E neste sentido cabe a pergunta, será que é possível uma coincidência absoluta entre representação e objeto, entre representação e experiência? Ou há sempre em toda representação uma dobra de irrepresentável?

Tenho como hipótese que quanto mais Freud avançou em sua compreensão do fenômeno psíquico, em sua complexidade e no papel dos objetos na formação da subjetividade, mais ele se aproximou e abriu caminho para perspectivas pós-freudianas que possam se distanciar de um modelo clássico de

É possível
uma coincidência absoluta entre a representação e objeto,
representação e experiência?
Ou há sempre em toda a representação
uma dobra de irrepresentável?

temática na psicanálise de língua inglesa, principalmente entre os autores que se interessaram pela análise clínica da percepção inconsciente na relação transferencial-contratransferencial. O maior interesse recente de psicanalistas pelo estudo da percepção vem precedido por uma série de estudos dedicados ao tema da realidade. Neste sentido, a importância dada por Winnicott ao ambiente e às relações

tuações em que “não se percebe” algo que de fato está presente na realidade externa e que a princípio estimulou os órgãos dos sentidos. Outro aspecto das descrições psicanalíticas que está diretamente vinculado ao estudo da percepção são as experiências que se articulam em torno do complexo de castração. A partir de conceituações como as expostas em “O Fetichismo”, Freud nos apresenta a complexidade de

ciência e pressupor a participação ativa tanto do paciente/pesquisador, como do analista/pesquisador na construção do conhecimento e da realidade.

Percepção e psicanálise contemporânea

Paul Bercherie em seu preciso mapeamento do desenvolvimento psicanalítico⁶, divide o pensamento pós-freudiano em quatro vertentes: as duas primeiras (a Psicologia do Ego e o desenvolvimento kleiniano) ele denomina de psicanálise ortodoxa; as outras duas (a psicanálise lacaniana e um quarto grupo, Ferenczi e a nebulosa marginal) ele considera a psicanálise heterodoxa. Este quarto grupo (Ferenczi e a nebulosa marginal, denominação que deve ser creditada a Balint) é para Bercherie “o resultado de uma análise conceitual e epistemológica, já que ela apresenta a particularidade de reunir personalidades em função de afinidades que estão presentes em seu pensamento e em sua prática, sem que eles constituam, portanto, ‘vínculo social’ ”.⁷ É no trabalho de vários autores deste grupo que se encontra a revitalização do interesse pela percepção, e acima de tudo, da presença dos aspectos perceptivos na constituição da subjetividade e na intensidade do vínculo transferencial-contratransferencial.

Dentre as características mencionadas por Bercherie, que constituiriam a marca deste grupo, estariam a preocupação em aprofundar a eficácia terapêutica da psicanálise e também a procura por estender seu campo de atuação. A partir do trabalho de Ferenczi, este grupo de analistas procurou garantir uma maior elasticidade da técnica psicanalítica, mesmo que isto implicasse em transgredir as regras da técnica clássica através da tentativa de fazer com que o analista se deixasse

guiar pelo paciente, favorecendo o processo espontâneo que se estabelece no próprio trabalho terapêutico. Ao lado disto, a escuta do analista passa a ser menos neutra para ser mais participativa. A contratransferência já não é mais uma dimensão perigosa a ser domada, mas um

entre o plano intrasubjetivo e o interrelacional é uma outra marca fundamental do grupo. A importância dada ao objeto na constituição da subjetividade implicará em uma concepção bastante transformada do papel real dos pais na vida psíquica e emocional da criança e do lu-

Ferenczi e vários autores do grupo de *analistas marginais* revitalizaram o interesse pela percepção, pela presença dos aspectos perceptivos na constituição da subjetividade, e na intensidade do vínculo transferencial-contratransferencial.

valioso guia, o verdadeiro elemento condutor do processo terapêutico, como aliás já vinham tentando estabelecer Heinrich Racker e Paula Heinmann (autores não incluídos por Bercherie neste grupo), no final da década de quarenta e início da década de cinquenta.

Quanto à compreensão dos elementos principais na elaboração de uma teoria da constituição da subjetividade, Bercherie enumera as mudanças fundamentais introduzidas por este grupo: “...o conceito de um desenvolvimento vital espontâneo, de um processo maturativo e terapêutico endógeno do psiquismo individual e das relações interpessoais, de tal forma que o meio externo ao invés de ser uma barreira ao desenvolvimento, é entendido como o que oferece o quadro mínimo que lhe é necessário para advir.”⁸ A ênfase na dialética

gar do analista (agora, necessariamente mais “ativo”) no processo terapêutico. Assim, Bercherie sugere que além desta concepção transformada do processo terapêutico, o avanço estabelecido por estes analistas implicou em ultrapassar “o impensado fundamental do freudismo clássico, mais preocupado, desde a virada de 1897 (o abandono da teoria da sedução), pelo papel das *imagos* parentais na vida psíquica *interna* da criança.”⁹

A oposição entre imagem-representação e presença real percebida, precisa ser considerada com cautela em se tratando da teoria freudiana. No entanto, em linhas gerais, é possível acompanhar Bercherie em sua posição que garante a este grupo de *analistas marginais* uma concepção da experiência psíquica menos dominada pelo plano representacional, seja na for-

mulação metapsicológica e na procura em dar outra fundamentação para a constituição da subjetividade, seja na formulação do trabalho terapêutico.

Do ponto de vista teórico, outro aspecto fundamental é a retomada da teoria da sedução, já não mais entendida como caracterizando estritamente uma *invasão* sexual do adulto sobre a criança, mas sim entendida mais amplamente como o conjunto de relações afetivas conscientes e inconscientes entre pais e filhos.

Bercherie considera Ferenczi o primeiro marco para a emergência do conjunto informal de *analistas marginais*. A partir de Ferenczi seria possível compreender a presença marcante nestes analistas da reconsideração do papel da percepção na elaboração teórica e na prática clínica da psicanálise. Como se sabe, Ferenczi reintroduz a importância da experiência traumática como um elemento fundamental para a compreensão psicanalítica do funcionamento psíquico, assim como sugere ações reais do analista para uma possível transformação de um funcionamento psíquico comprometido. Insistência no trauma real vivido que, em grande medida, pode nos remeter a uma situação perceptiva, à percepção de cenas traumáticas. Em Ferenczi, mais do que a adoção de um posicionamento teórico, tal concepção implicou em colocar em paralelo, como apontou Dupont, “a criança traumatizada pela hipocrisia dos adultos, o doente mental traumatizado pela sociedade e o paciente cujos traumas antigos são reanimados e redobrados pela hipocrisia profissional e pela rigidez técnica do analista”.¹⁰ Atento às transformações introduzidas por Ferenczi na tradição teórica e técnica da psicanálise, Mezan vê em Ferenczi “o mais ilustre ancestral de uma versão um pouco diferente da constituição do sujeito psíquico, e que acabou forman-

do a matriz de, talvez, um outro grande paradigma de que se possa falar na psicanálise contemporânea: o paradigma que não vê na relação com o outro o resultado secundário da organização libidinal, mas que vê na relação com o outro o elemento estruturante da vida psíquica”.¹¹ Como se sabe, esta nova forma de lidar com a estruturação da vida psíquica, que se opõe à tradição mais estritamente freudiana de vê-las como uma simples derivação das

capítulo à parte teria que ser aberto para as relações de Lacan e dos analistas franceses pós-lacanianos com estas idéias. É indiscutível a importância decisiva que Lacan confere ao objeto, ao outro, na constituição da subjetividade. Mas sua teoria e a técnica analítica que propõe, recriam a psicanálise em muitos outros aspectos também, o que dificulta em grande medida sua inclusão em um grupo, mesmo ampliado, como este que estamos caracterizando. Já no

Em Winnicott é clara a ênfase na reinterpretação da realidade e da percepção, na tentativa de superar a dicotomia sujeito-objeto e sua dicotomia correlata, a realidade interna-realidade externa.

pulsões e de suas transformações, constitui-se a partir dos trabalhos separados, porém simultâneos (anos 40), de H. Stack Sullivan, nos Estados Unidos, e de W.R.D. Fairbairn, na Escócia. Com maior ou menor relação com a obra de Ferenczi e destes dois outros precursores, também podem ser considerados como tendo a marca deste grupo, na Inglaterra, em parte M. Klein, e também Balint, Guntrip, Winnicott e Bollas (que embora seja norte americano realizou seus trabalhos fundamentais na Inglaterra), e Searles, Kohut, Langs, Modell e Ogden, nos Estados Unidos. Um

trabalho de alguns analistas franceses pós-freudianos, como procurei mostrar, muitos são os pontos de contato com as idéias destes *analistas marginais*.

Em Winnicott e nos autores que de uma forma ou outra se vinculam a sua obra, como Bollas ou Ogden, é claro o papel central dado a uma reinterpretação da realidade e da percepção na tentativa de superar a dicotomia sujeito-objeto e a dicotomia correlata, realidade interna-realidade externa. Não que se recuse estas dualidades. Ao contrário, reconhece-se a tensão entre estas polaridades, mas avança-se na di-

reção de uma análise de espaços intermediários ou de novas realidades que emergem de situações clínicas, revelando a complexidade das situações afetivas inaugurais, que não se submetem facilmente às oposições que em geral estruturam nossas formas de análise. Vários destes autores constituíram suas posições teóricas a partir de uma longa experiência clínica com pacientes psicóticos, fronteirços ou com os chamados casos difíceis. Não deve ser considerada casual, portanto, entre estes autores, a preocupação com os aspectos não representacionais da experiência clínica. Foi no confronto com o vazio da experiência representacional destes pacientes e na incessante luta para

Searles. Apoiado em muitos anos de trabalho com pacientes esquizofrênicos, Searles elabora uma articulada concepção da relação transferencial-contratransferencial, insistindo nos fatores perceptivos (inconscientes) e em sua influência sobre o funcionamento do trabalho clínico. Em um artigo sugestivamente intitulado "Realismo das percepções em uma transferência delirante", Searles relata e analisa o atendimento de uma paciente esquizofrênica que ele atendeu por mais de 18 anos, quatro vezes por semana. Em sua magistral descrição ele enfatiza a capacidade da paciente em manter conectadas suas idéias delirantes com a percepção de aspectos reais do analista: "Sua imensa

to delirante desta paciente decorre "essencialmente da variabilidade que afeta a experiência que ela tem de sua própria identidade e sua percepção da identidade do outro. Cada vez que há uma mudança em uma ou em outra destas identidades, ela reage pela convicção que a pessoa que ela era há um instante, ou aquela que eu era há um instante, foi assassinada."¹³ Estas duas passagens mostram, de forma evidente, um autor que sem abandonar as idéias principais da teoria psicanalítica, pôde ampliar as possibilidades técnicas e a apreensão teórica necessária para a elaboração dos elementos que emergem de seu trabalho clínico. Ao lado de uma utilização particularmente intensa dos elementos interrelacionais, Searles apresenta uma forma bastante inovadora de apreensão dos elementos perceptivos no contexto clínico.

De certa forma em continuidade e em diálogo com o trabalho de Searles, outro analista norte-americano, Robert Langs, merece destaque pela forma com que introduz uma análise da percepção inconsciente dos pacientes com relação ao analista, durante o processo de análise. Em sua apresentação para o primeiro livro de Langs publicado na França, Bercherie aponta para a singularidade de seu percurso: "Assim, ele não se contentou em se juntar a Searles no interior desta nebulosa que Balint batizou de 'marginal' - ele se colocou ao lado de Searles e Winnicott como herdeiro do último Ferenczi e de sua reatualização da teoria freudiana da sedução (1928-1932)."¹⁴ Langs, em um texto originalmente publicado em 1973 e intitulado "A percepção inconsciente pelo paciente dos erros do terapeuta", constrói, a partir do material de inúmeras supervisões de atendimentos realizados por analistas em formação, uma curiosa grade de avaliação de situações analíticas, onde através de sonhos e outras expressões os pacientes reve-

Ao lado de uma utilização particularmente intensa dos elementos interrelacionais, Searles elaborou uma forma bastante inovadora de apreensão dos elementos perceptivos (inconscientes) no contexto clínico.

criar estratégias terapêuticas para estes pacientes que não só a técnica como aspectos importantes da teoria psicanalítica ortodoxa puderam ser questionados.

Entre os vários autores que escaparam da prisão de uma metapsicologia marcadamente representacional, merece destaque inicial, por sua independência, criatividade e originalidade, o psicanalista norte americano H.

impotência em atravessar este fosso (a impossibilidade de comunicação entre a paciente e o analista) me obrigou a um esforço gigantesco para ver o mundo - e ver a nós dois - com os olhos dela, mantendo (ao mesmo tempo) o contato com minha própria visão da realidade."¹² Um pouco mais a frente, apresentando o que de forma mais segura ele pode dizer sobre esta paciente, Searles afirma que o comportamen-

lam sua percepção inconsciente dos erros cometidos pelos terapeutas: “Sua lembrança de um chefe que não o compreendia é uma primeira expressão da percepção inconsciente pelo paciente do fracasso do terapeuta em reconhecer seu sofrimento...”¹⁵ Centrando sua análise no eixo transferência-contratransferência, Langs descreve um grande volume de situações clínicas em que a percepção inconsciente (mas algumas vezes também consciente) ocupa lugar determinante para a compreensão do funcionamento psíquico e dos conflitos vividos e revividos durante o processo de análise.

Cristopher Bollas vem se dedicando ao trabalho de reformulação das posições psicanalíticas, no que diz respeito às relações sujeito-objeto e mundo interno-mundo externo, assim como, ao âmbito do trabalho analítico que exige uma elaboração dos aspectos não representacionais. Extremando suas posições, ele chega a afirmar que “...nem a visão clássica nem a lacaniana dedicam-se ao jogo do sujeito e do outro na transferência e à natureza dessa parte da psiquê que vive em um mundo sem palavras.”¹⁶ Para ele, “o histórico e o fantástico, o real e o imaginário estão engajados em uma interminável e inevitável dialética”.¹⁷ Bastante interessado no papel da percepção em nosso sistema de crenças, ele se pergunta se a percepção comum não seria baseada em uma convicção de que o percebido tem sua existência para que o apreendamos, para logo em seguida afirmar que “se algumas teorias filosóficas desafiam a pressuposição do ‘existir’ verificável de um objeto externo, ou se a psicologia nos alerta que toda a percepção é apercepção, seria, não obstante, o caso de nossa sanidade individual e coletiva assentar-se em uma certa licença poética, em uma ilusão necessária para acreditarmos que o mundo em questão existe para ser

experienciado”.¹⁸ Mais adiante, neste mesmo livro, em um sub-capítulo intitulado “Percebendo”, Bollas procura descrever o que ele acredita que deva ser a forma de expressão do analista com relação ao estado emocional mais profundo do paciente: “Refiro-me aqui àquele tipo de sentimentos que o analista tem ao trabalhar com um paciente; sentimentos que podem ser defini-

Ainda inspirado pelo trabalho de Winnicott, mas também procurando reabilitar no contexto da psicanálise inglesa a noção de inconsciente, Bollas analisa diferentes tipos de pensamento inconsciente. Para isso ele parte da capacidade evocativa dos objetos e das seis formas que eles teriam de nos estimular: sensorialmente, estruturalmente, conceitualmente, simbolicamen-

Bollas procura descrever
uma forma de expressão do analista com relação
ao estado emocional mais profundo
do paciente, sentimentos definidos como
intuições ou percepções.

dos como intuições, ou mais precisamente como percepções.”¹⁹ Aqui ele introduz uma noção que me parece bastante importante para o contexto das discussões a que me propus neste artigo: “...estou me esforçando para estabelecer um vocabulário neutro para a identificação dos afetos e desenvolvimento do ego emergente do analisando com o qual, acredito, só se entra em contato se o analista puder trabalhar com a percepção intuitiva.”²⁰ O que será que Bollas entende por *percepção intuitiva*? Não me arriscaria a uma resposta definitiva, mas o fato é que Bollas parece explorar ao máximo, clínica e teoricamente, as possibilidades psíquicas da apreensão inconsciente de sentimentos e afetos incluídos na dinâmica transferencial-contratransferencial.

te, mnêmicamente e projetivamente. Para ele o uso de um objeto implica em uma auto-experiência, em que os objetos acabam por “jogar” com diferentes sentidos somáticos e características mentais de cada um de nós. Em um “jogo” em que sujeito e objeto se constituem mutuamente, Bollas se aproxima do trabalho das artes plásticas para revelar as transformações realizadas no mundo e chega à formulação de que a “realidade externa traz em si a marca da estrutura psíquica e o objeto é representativo do trabalho de duas realidades”.²¹ É assim que ele se aproxima das colocações de Freud em *O ego e o id*, sobre as diferenças de importância inconsciente, das imagens visuais, das palavras e dos sentimentos, ou como define Bollas, “a natureza de um profundo

lugar interno inconsciente para os registros e representações intermodais da realidade”.²² Bollas retoma, no texto freudiano, a noção de percepções internas “que são mais primordiais e elementares” para aproximá-la de sua concepção do “sentido interno do trabalho estético da mente”. Para Bollas, o fundamental não é interpretar a realidade ou atribuir sentidos aos objetos, mas criar espaços de negociação com a realidade para se aproximar de objetos que favoreçam novas formas do existir psíquico. Assim aparece, de outra forma, o sentido constitutivo da experiência perceptiva.

Thomas Ogden é outro psicanalista que tem contribuído de forma decisiva para a construção de um pensamento psicanalítico onde a dicotomia sujeito-objeto e a oposição realidade externa-realidade interna ganhem outra configuração. Apoiado nos estudos de Winnicott da relação especular mãe-bebê, Ogden propõe uma análise desta experiência que dialoga diretamente com as questões que venho apresentando neste artigo: “Por meio da experiência de se ver de fora de si mesmo (na mãe/Outro especular), essa faceta da percepção da diferença por parte do bebê não é predominantemente uma percepção da diferença entre mim e não-mim (isto é, a diferença entre *self* e objeto), mas uma vivência da diferença entre eu e mim (isto é, a diferença entre *self*-como-sujeito e *self*-como-objeto).”²³ Nesta experiência inaugural a percepção começa a revelar a diferença (e, portanto, a própria possibilidade de perceber) que permite a base para toda experiência relacional futura. Se parto do princípio de que esta possibilidade só passa a existir através da presença do outro, tenho que conceber a situação analítica de uma forma em que o eixo se desloca da intrasubjetividade do paciente para o campo da intersubjetividade. A própria

noção de sujeito precisa ser revista neste contexto: “Desta forma, o sujeito analítico é ‘criado por’ e existe em permanente evolução na intersubjetividade dinâmica do processo analítico: o sujeito da psicanálise toma forma no espaço *entre* analista e analisando.”²⁴ Detalhando sua forma de trabalho como analista, Ogden insiste na valorização daquilo que Bion chamou de *reverie* para conseguir ter acesso à sua própria experiência inconsciente durante o trabalho com os analisandos. Ogden inclui em sua noção de *reverie* “os mais mundanos, cotidianos e corriqueiros pensamentos, sentimentos, fantasias, ruminações, devaneios, sensações corporais e assim por diante, que normalmente

o que ganha expressão inconscientemente no analisando. Esta forma de possibilidade de contato com a experiência psíquica do paciente obriga o analista a revalorizar elementos por muito tempo afastados do âmbito de reflexão psicanalítico, como por exemplo as sensações corporais. Mas para que elas ganhem legitimidade no contexto de uma sessão elas precisam também ganhar legitimidade na teoria. Este tem sido o trabalho levado a cabo pelos *analistas marginais*. É neste contexto que a experiência perceptiva reconquistou um lugar central em parte da psicanálise contemporânea.

Estas formas de apreensão da experiência perceptiva que se efeti-

Para Ogden o sujeito analítico é “criado por” e existe em permanente evolução na intersubjetividade dinâmica do processo analítico: o sujeito da psicanálise toma forma no espaço *entre* analista e analisando.

parecem bastante desconectados do que o paciente está dizendo e fazendo no momento”.²⁵ Para ele o contato com estas produções e expressões psíquicas no contexto do trabalho analítico permite um acesso privilegiado à experiência psíquica do analisando. Isto só é possível porque ele parte do princípio de que o material produzido durante a sessão revela menos sua idiosincrasia pessoal do que sua possibilidade perceptiva de contato com

vam no trabalho analítico colocam em discussão o primado representacional como forma privilegiada de análise e atuação do analista em todos os momentos da sessão. Neste contexto, o trabalho dos analistas franceses não-lacanianos ganha grande importância. Entre estes analistas merecem destaque César e Sara Botella que têm dedicado grande parte de seu trabalho de investigação ao tema da percepção e sua relação com o irrepresentável.

Apoiados em uma sólida leitura dos textos freudianos, eles procuram aproximar a psicanálise dos avanços da ciência e da filosofia contemporâneas, e descrevem os limites e paradoxos envolvidos na percepção de uma realidade que não se deixa ser totalmente conhecida: “Estamos então confrontados, não sem uma certa perplexidade, com o problema de uma realidade que é ‘inconhecível’, mantendo-se fonte de nossas percepções (...) Trata-se em todos os casos dos limites de nossos sistemas de representações (...) O domínio do representável é uma grosseira redução do vasto domínio do não conhecido.”²⁶ Eles reconhecem que a simetria percepção-representação é o que garante a coerência psíquica. As limitações necessariamente impostas por esta simetria permitem com que a angústia gerada pelo “infinito do irrepresentável” seja controlada pelo sistema finito das representações-coisa e palavra. Mas alguns quadros clínicos (ou mesmo algumas situações na experiência psíquica de cada indivíduo) são caracterizados pela não-representação, “provocando um desequilíbrio, criando uma fenda na simetria da percepção-representação do pensamento adulto que é então obrigado ao esgotamento, seja em uma alucinação estéril porque cortada das representações da neurose infantil, seja na repetição compulsiva de representações ‘desvitalizadas’, porque cortadas de suas fontes inconscientes e anímicas”.²⁷ É nos textos da segunda tópica freudiana que estes autores vão buscar apoio para uma discussão sobre as modificações que consideram necessárias em um trabalho clínico que procura recolocar em cena a importância do processo perceptivo e das experiências traumáticas. Para eles, “o analista deve buscar acesso, sem códigos, sem chaves, a esta realidade psíquica. Não se trata mais de algo recalcado, de algo já lá para se revelar, respon-

A abertura a uma investigação
mais aprofundada da experiência perceptiva
pede não só
uma revisão do aparato teórico e técnico,
mas coloca o analista em uma
posição limite entre representação e percepção:
a situação analítica exige
esta simultaneidade e tensão.

dendo à noção de interpretação segundo a primeira tópica.”²⁸ E desta forma, o trabalho do analista deve procurar ser mais criador que revelador, caracterizando o que os autores chamam de interpretação na segunda tópica. O que seria a forma de interpretação própria da segunda tópica? “A definição dos meios de acesso (a estas experiências) não pode mais, portanto, ser reduzida àquela clássica da atenção fluante, da associação livre e à interpretação, que desta forma, terá todas as chances de se manter nos níveis representacionais e de causa-efeito. O analista que quer ter acesso aos processos alucinatorios e perceptivos de seu paciente passará obrigatoriamente pela regressão formal de seu pensamento e pela ‘perceptivação’ que daí decorre, única possibilidade de atingir o plano de vínculos gerais das causas. Parece-nos que há aí um campo teórico que abre caminho a possibilidades explicativas consideráveis; um campo próprio ao estudo da pulsão em sua relação com a alucinação, com o perceptivo e com as inscrições, seguindo uma ordem que para nós ainda é de difícil apre-

ensão.”²⁹ Seria muito difícil, no espaço do presente artigo, avaliar e discutir as propostas de César e Sara Botella. Apresentei aqui de forma muito resumida suas principais posições que entendo acabam por fortalecer a necessidade do reconhecimento dos processos perceptivos no trabalho analítico e na teorização psicanalítica.

A abertura a uma investigação mais aprofundada da experiência perceptiva pede não só uma revisão do aparato teórico utilizado para a elaboração das experiências clínicas, mas também uma nova proposição em termos técnicos. Estas trilhas foram abertas por Ferenczi e já não são poucos os analistas que, por diferentes caminhos, têm se aproximado destas questões. Não tenho dúvida que o vínculo transferencial-contratransferencial coloca o analista em uma posição limite entre representação e percepção. A situação analítica exige esta simultaneidade e esta tensão. Há um confronto constante com percepções que ora atualizam representações ora exigem reformulações daquilo que já se constituía como representado. Outras vezes abre-se

A percepção não é propriedade de um sujeito ou de uma consciência, nem resultado exclusivo das propriedades expressivas de um objeto: está sempre a meio caminho entre eu e o mundo, e portanto exige uma completa reformulação desta oposição.

espaço para este aspecto que os analistas franceses não lacanianos têm denominado de irrepresentável ou irrepresentado.

O trabalho analítico vem mostrando o quanto a percepção está diretamente relacionada à constituição da subjetividade. Através das complexas e múltiplas formas de percepção construímos concepções sobre o mundo, sobre os outros e sobre nós mesmos. Diante de algo que fascina, muitas vezes nos aproximamos e lá permanecemos como que hipnotizados; outras vezes nos afastamos horrorizados diante do risco de nos perdermos, de nos misturarmos ao objeto fascinante.

Em muitos momentos a percepção serve como defesa, nos protegendo de algo que não queremos "ver"; em outros momentos nos desperta, fazendo com que fique inevitável o contato com algo que até então não tínhamos conseguido ver. Cada um tem suas razões para não querer ver alguma coisa. A psicanálise mostra com clareza que a dinâmica psíquica se expressa através destes processos e que é possível

revelar as razões de cada um. Mas nem por isso justifica-se a ilusão iluminista de que em algum momento será possível perceber tudo ou perceber tudo sem nenhum grau de distorção.

Antes de encerrar este artigo, gostaria ainda de retomar o aspecto central das elaborações aqui expostas, que apontam para uma necessária transformação do enquadre epistemológico em que a psicanálise situou originalmente o problema da percepção. A percepção não é propriedade de um sujeito ou de uma consciência, tampouco é resultado exclusivo das propriedades expressivas de um objeto. Está sempre a meio caminho entre eu e o mundo, e portanto exige uma completa reformulação desta oposição. A percepção é espaço intermediário; é simultaneidade de perceber e não perceber, é a ambigüidade intensa que rege nossa complexa interligação com os objetos. A percepção revela fronteiras muito mais tênues do que as geralmente reconhecidas entre as assim chamadas realidades externas e internas. Se a

percepção nos possibilita uma representação dos objetos, do mundo e de nós mesmos, ela também nos revela a simultânea irrepresentabilidade dos objetos, do mundo e de nós mesmos. ■

NOTAS

1. Cf. N. Nicolaïdes, *La Force perceptive de la représentation de la pulsion*, Paris, P.U.F., 1993; J. Bernat, *Le processus psychique et la théorie freudienne*, Paris, L'Harmattan, 1996 e C. Janin, *Figures et destins du traumatisme*, Paris, P.U.F., 1996.
2. Cf. R. Mazzuca, *Valor Clínico de los fenómenos perceptivos*, Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, 1996.
3. *Avant-propos - Revue Française de Psychanalyse*, Paris, P.U.F., 2-1995, p. 333.
4. C. Botella e S. Botella, referindo-se ao estatuto da percepção entre os psicanalistas, lembram que a percepção "...mal amada pelos psicanalistas, inteiramente ignorada pelo índice do *Abstract of the Standard Edition*, só tem direito, no *Vocabulário de Laplanche e Pontalis*, a uma referência sob a rubrica Consciência (psicológica); considerada por muitos como devendo ser deixada aos psicólogos, aos neurofisiologistas, ou ainda aos cognitivistas, a percepção é abordada por Freud desde o *Projeto*, mas não será jamais objeto de um estudo analítico sério." (C. Botella e S. Botella Du perceptif aux causalités psychiques", *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, P.U.F., 2-1995, p. 349).
5. Cf. J. Steiner *Refúgios Psíquicos*, Rio de Janeiro, Imago, 1997.
6. P. Bercherie *Géographie du champ psychanalytique*, Paris, Navarin, 1988.
7. *Op. cit.*, p. 88.
8. *Op. cit.*, p. 93.
9. *Op. cit.*, p. 94.
10. J. Dupont, "Prefácio", in: S. Férenczi, *Diário Clínico*, São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 19.
11. R. Mezan, "O símbolo e o objeto em Férenczi", in: C.S. Katz (Org.), *Férenczi: história, teoria e técnica*, São Paulo, Editora 34, p. 113.
12. H. Searles *Le Contre-transfert*, Paris, Gallimard, 1981, p. 43.
13. *Op. cit.*, p. 45.
14. P. Bercherie, "Présentation", in R. Langs, *Thérapie de vérité. Thérapie de mensonge*, Paris, P.U.F., 1988, p. 5.
15. R. Langs, *Thérapie de vérité. Thérapie de mensonge*, Paris, P.U.F., 1988, p. 26.
16. C. Bollas, *A Sombra do Objeto*, Rio de Janeiro, Imago, 1992, p. 15.
17. *Op. cit.*, p. 19.
18. *Op. cit.*, p. 47.
19. *Op. cit.*, p. 254.
20. *Op. cit.*, p. 254.
21. *Op. cit.*, p. 40.
22. *Op. cit.*, p. 41.
23. T. Ogden *Os sujeitos da psicanálise*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996, p. 48.
24. *Op. cit.*, p. 42.
25. T. Ogden, "Reverie and Metaphor" *International Journal of Psychoanalysis*, 78, p. 721.
26. C. Botella e S. Botella, "Le statut métapsychologique de la perception et l'irrepresentable", *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, P.U.F., 1-1992, pp.25-26.
27. *Op. cit.*, p. 39.
28. C. Botella e S. Botella, "Du perceptif aux causalités psychiques", *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, P.U.F., 2-1995, p.365.
29. *Op. cit.*, p. 365.